

Resenha

MATTOSO, Glauco. *Faca cega*. São Paulo: Dix, 2007. 120 p. R\$ 20,00.

## Em terra de faca, quem tem cego é rei

Lançada pela Dix Editorial, selo da Editora Annablume, a Série Mattosiana chega para alegrar os fãs de Glauco Mattoso que, como eu, se perdem constantemente (o que é ótimo!) pelos mais de dois mil sonetos publicados no site do poeta... São literalmente milhares de versos à minha disposição e isso me deixa particularmente confusa. Não sei quanto à senhora que me lê, mas a mim muito me agradam os livros impressos do tipo para-folhear-e-pingar-gordura-do-almoço.

Dessa vez, sonetos e textos inéditos (e outros nem tanto) serão publicados de acordo com uma organização temática da obra do mais produtivo escrevedor de sonetos que o país já teve. As grandes promessas da Série Mattosiana para 2008 são duas: o ensaio *O sexo do verso: machismo e feminismo na regra da poesia*, teorização formal completíssima sobre os aspectos sonoros do soneto (já disponível em <http://normattoso.sites.uol.com.br/>) e *Rudimentos de sadomasoquismo comparado*, que mistura ensaio, conto e poesia em uma das apresentações mais cruéis da escrita mattosiana (a senhora pode ter uma idéia do que vem pela frente em <http://www.cronopios.com.br/site/colunistas.asp?id=177>). Mas eu estou aqui mesmo é para falar de *Faca Cega*, primeiro volume da Série Mattosiana.

*Faca Cega* é composto por quatro ciclos de poemas. O primeiro, “Faca Cega”, compõe-se de dez sonetos e dá nome ao livro. Conta a história de Chinelo, deficiente visual vítima do cunhado carrasco com quem a irmã se casara por interesse. A cena se repete na obra de Glauco: conforme é de praxe, manda quem pode, obedece quem não tem visão... Bugre, “o mais raquítico dos rambos”, faz o cunhado de gato e chinelo:

### SONETO #1 – Primeiro Ciclo

“Chinelo” é como o chama o Bugre, agora  
que está casado com a sua irmã.  
É cego o rapazola, e seu afã  
doméstico humilhar-se a toda hora.

Perdendo os pais e os olhos, ele chora  
consigo, mas perante o Bugre é vã  
qualquer lamentação. Já de manhã  
lha calça e engraxa as botas sem demora.

A mana até concorda que o marido  
desfaça do rapaz, pois, afinal,  
faz jus o peso-morto ao apelido.

“Chinelo!”, chama o Bugre. O serviçal  
ceguinho se ajoelha e, agradecido,  
massagem faz num pé que cheira mal.

Mas, como bem sabe o poeta – e a senhora também, se curte SM –, quase nunca quem está por baixo se dá mal. Em um enredo engraçadinho, o ceguinho passa de escravo a herói e de pobre-coitado a milagreiro, sendo apelidado de Faca Cega e virando lenda...

Se “Faca Cega” dá nome ao volume, não é meu ciclo preferido... É o segundo ciclo, construído por quarenta sonetos, que considero o mais interessante. No prefácio, Glauco dá toda uma atenção a esse ciclo, chamando-o de “mininovela em sonetos”.

Intitulada “Um aproveitador descarado”, é uma narrativa cujo protagonista é o já conhecido Zezão Pezão, personagem recorrente na obra de Mattoso, que corresponde ficcionalmente ao pé chato e cruel ideal de sua fantasia podólatra. A novidade é que Zezão Pezão assina esse ciclo, assumindo Glauco a voz do carrasco – fato raro em sua obra.

Segundo relatos do autor, o dono do pé chato de que foi vítima de humilhação quando criança converteu-se em elemento sádico arquetípico de sua fantasia masoquista – o que certamente levará a senhora a reconhecer em Zezão Pezão o personagem cruel das dezenas de sonetos ditos autobiográficos de Glauco Mattoso. Aliás, o autor declara, no prefácio de *Faca Cega*, ser a narrativa em questão um “retrospecto de cunho autobiográfico”, além de observar, em um ótimo jogo de palavras: “Quanto ao lado ficcional, baseia-se parcialmente em fatos verídicos obtidos de várias fontes ou vivenciados por mais de dois depoentes, sendo o relato, portanto, menos fantasioso do que se suponha”.

Ora, a senhora há de sorrir. Afinal, o jogo entre vida e poesia construído por Glauco ao longo de toda sua produção poética é material para outras inúmeras reflexões. Como costumam dizer ultimamente: fica a dica!

#### SONETO #1 – Segundo Ciclo

Pequeno ainda, eu tinha como esporte  
fazer outros meninos de cavalo.  
Montava-lhes no lombo e, nesse embalo,  
curvavam-se à vontade do mais forte.

Um deles, sem amigo que o conforte,  
é a vítima ideal: posso tratá-lo  
do jeito que quiser. Tudo que falo,  
fará, pois seu azar é minha sorte.

Ceguinho ele não era, mas perdeu  
a vista há pouco tempo. Mais gostoso  
ainda, diante do olho bom, que é meu.

De quatro, ele rebela-se, queixoso,  
mas lembra que é Sansão, e o filisteu  
aqui sou eu: importa só o meu gozo.

O enredo de “Um aproveitador descarado” é tecido em torno de três partes, subtituladas, respectivamente, “Antecedentes do aproveitador”, com dez sonetos, “Novas confissões do aproveitador”, com vinte sonetos, e “Últimas malandragens do aproveitador”, com dez. Glauco, no prefácio, inclui o protagonista na linhagem dos heróis “sem nenhum caráter” e chama nossa

atenção para a função eminentemente performática de sua poesia, que (aqui o cito) “permitindo ao autor mascarar-se em papéis que, autobiográficos ou não, desempenham tipos que todos conhecemos na vida real e que, sob a fantasia de gala representada pelo verso trabalhado, sobem ao palco e fazem o espetáculo”.

É por meio do “verso trabalhado” que a senhora poderá tomar conhecimento da vida de Zezão Pezão e de suas peripécias. Mulato, suburbano, órfão e abandonado, faz da companhia daqueles que o “adotam” seu meio de vida: solteironas, namoradas, casais e até um cego aposentado e solitário que “desempenha papel de verdadeiro escravo do aproveitador, para quem trabalha como pedinte em público e como massagista particular”:

SONETO SEM DOR NEM DÓ (#14)

Ficou cego? O problema não é meu!  
A minha vista é boa! Eu aproveito  
a vida como quero! Foi bem feito  
você perder a pose! Se fodeu!

Tá achando tudo escuro que nem breu?  
Tem mais é que sofrer! Eu me deleito  
sabendo que não tenho esse defeito  
nos olhos! Cê que chore o que perdeu!

Enquanto eu vejo o mundo livremente,  
você tem que chupar a minha rola  
calado! Se eu gozar, você que agüente!

E tire da cabeça a idéia tola  
de que outros vão ter dó! Cê tá impotente!  
Quem pode põe-lhe a pica, e eu posso pô-la!

Qualquer semelhança entre o cego sonetado e nosso poeta que transforma virtuosamente perda em lucro não é mera coincidência. A humilhação do cego retorna nesta segunda parte como *leitmotiv*: ao ceguinho resta a desdita e a obediência a quem tem dois olhos sãos.

Não será diferente nos dois últimos ciclos de *Faca Cega*: são parcerias – “pelejas” – em que dois de seus alunos de uma oficina poética se exercitam na arte do verso fescenino espezinhando quem servindo se satisfaz. O primeiro, Danilo Cymrot, paulistano de 1986, é partidário dos limericks e das décimas, glosando brilhantemente contra o mestre. O jovem estudante de direito e músico, já familiarizado com a escrita humorística, é provocado pelo professor:

Já dei aula prum Danilo  
que só pensava naquilo.  
Na lição de casa  
a caneta vaza  
e goza a glosa no estilo.

Ao que responde, habilidoso:  
Um cego de Xique-Xique  
pra gozar tem seu trambique:  
pede ao seu pupilo  
fixado naquilo

que o goze num limeirique.

A peleja, no entanto, é construída por décimas e a famosa “deixa”: o desafiado que rime o primeiro, o quarto e o quinto versos com o sexto do oponente, medindo a técnica e o veneno da língua. Nesse jogo, Danilo glosa como gente grande o clássico “Buceta, cu e caralho:/três instrumentos de foda”.

Igualmente digno de nota é o “Epistolário escatológico de Leo Pinto”, que fecha o volume em grande estilo. Leo Pinto, nascido em Londrina, em 1980, sob o nome de Leônidas Pellegrini, é exímio sonetista e é por meio dessa forma fixa que maltrata o “pertinaz masô”, que, obviamente, com tudo goza e de toda sorte de nojeiras se compraz. Se a senhora quer conhecer melhor a obra de Leo Pinto, dou a dica e recomendo o sonetário mais pornográfico que eu conheço: <http://pintolibertino.blogspot.com>. Em seu blog está a “peleja” completa entre mestre e discípulo, da qual faz parte o soneto a seguir:

ENDEREÇADO[LEO PINTO, 18/2/2007]

Senhor Glauco Mattoso, hoje postei  
um par de meias sujas no correio,  
e de antemão lhe peço por e-meio  
seu parecer ao mimo que enviei.

Não quero me gabar, mas caprichei,  
eu acho, pois usei-as mês e meio  
sem tirar, reforçando-as com o alheio  
fedor de pés pros quais as emprestei!

Este presente que vai pra você  
recende a queijo, bacalhau e atum,  
sem perder o seu natural cecê...

Espero, enfim, que goste do bodum,  
e aguardo uma resposta receber.  
Um abraço do Pinto, e até mais ver!

Ufa! Agora resta à senhora perder-se (ou encontrar-se) por mais milhares de versos em <http://glaucomattoso.sites.uol.com.br> enquanto espera pelos próximos volumes... Até!

Rafaella Lemos